



INTEGRAÇÃO ENTRE PROCESSOS FORMATIVOS E PEDAGÓGICOS: HUMANIZAÇÃO E PRÁTICA

VAZ, Claudiane Rigolo Fernandes - Especialista em Educação, SESI-SP

RESUMO

Este artigo teórico-reflexivo tem como objetivo discutir a relação essencial entre os processos formativos e pedagógicos a partir da perspectiva da humanização e da prática educativa. A formação de educadores é compreendida como um processo dinâmico e permanente, construído na indissociabilidade entre teoria e prática, a qual denominamos práxis. O processo não se limita ao acúmulo de saberes técnicos, mas exige a construção de sentidos a partir das experiências vividas, do diálogo constante e da escuta mútua. O trabalho enfatiza que a educação é, fundamentalmente, uma prática humanizadora e dialógica, considerando que todos os envolvidos tais como gestores, professores e alunos, são seres históricos e inacabados que integram ativamente e transformam esse processo. Defende-se que a integração efetiva entre teoria e prática é o eixo essencial para a constituição de um profissional reflexivo, autônomo e profundamente comprometido com uma educação de caráter transformador. O referencial teórico-metodológico que sustenta esta reflexão é de natureza crítica e busca valorizar a identidade profissional do educador, tratando a formação como um trabalho sobre si mesmo e sobre a própria prática, recorrendo a conceitos de autonomia, práxis e experiência. A análise aprofundada da práxis destaca que a humanização dos processos formativos exige a criação e manutenção de ambientes colaborativos, éticos e socialmente responsáveis. Nesses espaços, o indivíduo que lidera a formação atua como um mediador, facilitando processos de escuta ativa e de construção coletiva do saber. Essa mediação transforma a prática em objeto de reflexão crítica, gerando profissionais capazes de atuar com maior autonomia e protagonismo. Conclui-se que a humanização fortalece o sentimento de pertença e a autonomia na educação, consolidando a escola como um espaço privilegiado de formação integral e de emancipação humana, firmemente comprometido com a transformação da realidade social.

Palavras-chave: formação; humanização; educação.

1. INTRODUÇÃO: O DESAFIO DA FORMAÇÃO DOCENTE NA CONTEMPORANEIDADE

A formação de educadores constitui um processo dinâmico e permanente, que se constrói na relação intrínseca entre teoria e prática, entre o sujeito e o contexto em que atua. Nesse sentido, compreender os processos formativos é também compreender a natureza humana da educação, que envolve diálogo, sensibilidade, experiência e construção de sentidos.

Nas últimas décadas, a escola tem sido desafiada pelas complexidades da sociedade contemporânea, marcada pela aceleração da informação, pela diversidade cultural e por crises éticas e sociais. Diante desse cenário, o modelo tradicional de formação docente, muitas vezes focado apenas na transmissão de conteúdos e técnicas – o que Paulo Freire (1996) criticou como educação bancária –, revela-se insuficiente e fragmentador. Esse modelo não prepara o professor para ser um profissional autônomo e crítico, capaz de realizar uma leitura complexa da realidade escolar e de atuar como agente de transformação. A formação puramente técnica, ao desconsiderar a subjetividade e a história do educador, acaba por desumanizar o processo educativo.

A presente reflexão parte da ideia de que a formação docente é uma ‘viagem aberta’, que se constrói e reconstrói a partir das realidades escolares e das trajetórias individuais. Essa formação não se resume à transmissão de conteúdos, mas à vivência de processos que envolvem a escuta, o diálogo e a humanização das relações educativas. A tese central que norteia este trabalho é que a humanização não é apenas um valor ético desejável, mas sim uma exigência ontológica e política do ato de educar, sendo o eixo essencial para a integração efetiva entre os processos formativos e pedagógicos.

O objetivo geral deste artigo é discutir a profunda relação entre a formação docente (processos formativos) e a ação em sala de aula (processos pedagógicos) à luz da perspectiva da humanização e da prática reflexiva. Para cumprir tal propósito, o artigo está estruturado em três seções principais de desenvolvimento: a seção 2 apresenta o fundamento epistemológico da práxis humanizadora, utilizando o referencial teórico de autores como Paulo Freire e António Nóvoa; a seção 3, que cumpre a função de análise dos resultados, trata da análise da práxis pedagógica humanizadora, discutindo as implicações práticas da humanização na escola; e, por fim, a seção 4 apresenta as considerações finais e as perspectivas para a consolidação de uma escola emancipadora. A metodologia empregada é a análise teórico-reflexiva, utilizando a pesquisa bibliográfica para fundamentar os argumentos e promover uma síntese crítica do tema.

2. DESENVOLVIMENTO E REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: O FUNDAMENTO EPISTEMOLÓGICO DA PRÁXIS HUMANIZADORA

A formação de professores não pode ser pensada de maneira dissociada da prática. O marco teórico-metodológico deste trabalho busca consolidar a visão de que a educação é, intrinsecamente, um ato de reflexão e transformação.

2.1. A Indissociabilidade entre Docência e Discência (Paulo Freire)

A base do pensamento reside na ideia de que “não há docência sem discência”. Freire (1996) afirma que o processo educativo é construído na relação dialógica entre sujeitos que aprendem uns com os outros. Essa relação é, por essência, humanizadora.

Em sua Pedagogia da Autonomia, Freire (1996) estabelece os saberes necessários à prática educativa, enfatizando que *ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa e, sobretudo, reflexão crítica sobre a prática*. A prática, sem a reflexão teórica que a sustente e a problematize, torna-se mero ativismo; a teoria, sem a prática que a vivifique, converte-se em puro verbalismo. A integração de que se trata aqui é a própria práxis, a ação mediada pela reflexão crítica com vistas à transformação. O educador, como ser inacabado, está em um processo permanente de busca pelo “Ser Mais” (Freire, 1996), uma vocação ontológica para a humanização e a superação da desumanização.

2.2. A Formação como Processo Identitário (António Nóvoa)

Para Nóvoa (1995), a formação docente é um processo identitário e reflexivo, que envolve compreender os pensamentos, sentimentos e práticas que constituem o ser professor. A formação não deve ser vista como um processo de acumulação de cursos e certificados, mas sim como um *trabalho sobre si mesmo* (Nóvoa, 1995), que envolve a reconstrução da identidade profissional.

O autor salienta a importância de valorizar os saberes da experiência do professor. A reflexão não se dá apenas a partir da teoria externa, mas principalmente a partir do relato e da análise das narrativas e das trajetórias de vida e profissionais. A autonomia do professor é, portanto, conquistada por meio de um trabalho contínuo de reflexividade crítica sobre suas práticas, o que pressupõe um ambiente escolar que sustente o diálogo e o compartilhamento de saberes.

2.3. O Humanismo da Experiência e do Ser (Delors e Larrosa)

A dimensão humanizadora do processo formativo também encontra amparo nos pilares da educação propostos por Delors (1996). O autor define a educação como um “tesouro a descobrir”, sendo o pilar “aprender a ser” crucial para a formação integral. Este pilar visa o desenvolvimento da personalidade, da autonomia, do juízo de valor e da responsabilidade pessoal, elementos essenciais para que o profissional possa exercer sua docência de forma ética e transformadora.

Complementarmente, Larrosa (2002) enfatiza a importância do aprender a ser, destacando a relevância das experiências e dos encontros como espaços de formação. A experiência, para Larrosa, não é o que simplesmente *se passa*, mas o que nos passa, o que nos toca. A formação humanizada deve, portanto, criar espaços e tempos para que o professor e o aluno possam viver experiências significativas que toquem a sua subjetividade e que gerem a construção de sentidos. A negação da experiência, causada pela sobrecarga de informação ou pelo tecnicismo, é uma das faces da desumanização na escola.

3. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS DA PESQUISA E RESPECTIVA ANÁLISE

A metodologia empregada neste trabalho foi a análise teórico-reflexiva com uso de pesquisa bibliográfica para fundamentar os argumentos e promover uma síntese crítica do tema. Por ser um artigo de natureza eminentemente teórica e reflexiva, os “resultados” apresentados não são dados empíricos de campo, mas sim as implicações analíticas e conceituais que emergem da articulação entre o referencial teórico adotado e a tese central do estudo.

Os resultados da análise, apresentados a seguir, cumprem o objetivo de discutir a

profunda relação entre a formação docente (processos formativos) e a ação em sala de aula (processos pedagógicos) à luz da perspectiva da humanização e da prática reflexiva. Estes resultados estão divididos em três subseções, conforme a estrutura original do artigo:

3.1. O Formador como Mediador de Sentidos

A análise da práxis humanizadora revela que o papel do formador transcende o de mero instrutor técnico. A função do formador passa a ser a de um mediador que facilita o processo para que a equipe docente realize a “leitura do mundo” de sua própria prática.

Implicação Analítica: A mediação é caracterizada pela escuta ativa e empatia, elementos centrais que se alinham à dialogicidade proposta por Freire (1996). O formador auxilia o professor a problematizar sua realidade, incentivando-o a evoluir da consciência ingênua para a consciência crítica.

Implicação Conceitual: Os momentos de formação (reuniões pedagógicas, grupos de estudo, conselhos de classe) são transformados em espaços de construção coletiva do saber. Nesses ambientes, a teoria deixa de ser uma imposição externa (“bancária”) e se torna uma ferramenta para a análise, compreensão e transformação dos desafios concretos do cotidiano escolar.

3.2. A Humanização como Força de Autonomia e Pertença

A valorização da experiência e da subjetividade do educador, promovida pela humanização, é identificada como a principal força motriz da autonomia profissional. A formação é consolidada quando o professor se apropria do sentido de sua história pessoal e profissional, o que o empodera como sujeito ativo (Nóvoa, 1995).

Fortalecimento da Autonomia: O processo formativo humanizado gera um profissional reflexivo, que é capaz de tomar decisões pedagógicas fundamentadas em sua realidade, deixando de ser um mero executor de currículos. Essa autonomia é conquistada pela reflexividade crítica contínua sobre suas práticas (Nóvoa).

Sentimento de Pertença e Coletividade: A humanização promove o reconhecimento mútuo e a valorização da diversidade de saberes na equipe. A mediação do formador, ao criar vínculos éticos e profissionais e espaços de escuta, combate a solidão docente e consolida o aprendizado como uma responsabilidade coletiva.

3.3. A Escola como Espaço Emancipatório

A análise teórica demonstra que a dimensão política da humanização reside no seu potencial emancipatório. O despertar da criticidade no educador impacta diretamente a qualidade da relação pedagógica com o aluno.

Avanço na Relação Pedagógica: O professor, ao ser reconhecido em sua humanidade, torna-se mais apto a reconhecer o aluno como um ser histórico e sujeito ativo do processo de aprendizagem.

Alinhamento com a Formação Integral: A humanização contribui para consolidar a escola como um espaço de conhecimento e de construção de humanidade, alinhando a formação docente com o pilar do “aprender a ser” (Delors, 1996). A escola, nesse sentido, não apenas transmite dados, mas desenvolve a capacidade de juízo, a ética e o compromisso social dos indivíduos.

Transformação Social: Ao fortalecer a autonomia e o protagonismo de professores e

alunos, o processo formativo humanizado transcende a sala de aula, vinculando a educação a um projeto de sociedade mais justa, ética e socialmente responsável. A conclusão central é que a humanização fortalece o sentimento de pertença e a autonomia na educação, consolidando a escola como um espaço privilegiado de formação integral e de emancipação humana, firmemente comprometido com a transformação da realidade social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: RUMO À ESCOLA EMANCIPADORA

Refletir sobre a integração entre processos formativos e pedagógicos é reconhecer que a formação de educadores é, antes de tudo, um ato humano. Os resultados da análise teórico-reflexiva empreendida neste artigo reforçam a tese de que a humanização é o elemento catalisador indispensável para que essa integração se concretize de forma significativa e transformadora.

Ao articular o rigor metodológico da teoria (Freire e Nóvoa) com a riqueza existencial da experiência (Larrosa e Delors), o processo formativo torna-se mais denso e completo, fortalecendo a autonomia e o protagonismo dos profissionais da educação. O formador assume um papel mediador essencial, não de controle, mas de diálogo, transformando a escola em um ambiente ético e colaborativo que cultiva a escuta e a empatia.

A formação humanizada contribui decisivamente para consolidar a escola como um espaço de formação integral e emancipação humana. A autonomia do professor, conquistada pela reflexão sobre sua práxis, reflete-se na relação com o aluno, culminando em uma educação que vê a prática pedagógica como um ato de esperança e compromisso com o outro.

Para avançar nesta direção, são necessárias políticas institucionais que: 1. Assegurem tempo e espaço na jornada de trabalho para a reflexão coletiva e a escrita de narrativas de prática; 2. Valorizem a experiência e os saberes docentes como pontos de partida para qualquer processo formativo, evitando modelos prescritivos e “bancários”; e 3. Invistam na formação do formador como mediador e problematizador, e não como mero instrutor técnico.

Este estudo, de natureza essencialmente teórica, sugere a necessidade de futuras pesquisas empíricas. Tais estudos poderiam investigar o impacto direto de modelos de formação humanizada na redução do *stress* docente e no aumento do sentimento de pertença e eficácia profissional percebida pelos educadores. Em última análise, a humanização na educação é um projeto contínuo, um compromisso inadiável com a dignidade humana e com a construção de um futuro educativo verdadeiramente transformador.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação básica. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum para Formação de Formadores (BNC Formadores). Brasília: MEC, 2021.

DELORS, Jacques. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI. Paris: UNESCO, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. Aprender a ser. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA – SESI. Proposta pedagógica da educação básica. São Paulo: SESI-SP, 2021. Disponível em: <https://www.sesisp.org.br/educacao/proposta-pedagogica>. Acesso em: 12 set. 2025.